

# OS ANTECEDENTES ARTÍSTICOS DE CAETANO DA COSTA: A FASE LISBOETA

## THE ARTISTIC BACKGROUND OF CAETANO ALBERTO DA COSTA: THE LISBON PERIOD

POR FRANCISCO LAMEIRA  
Universidad del Algarve. Portugal

POR SÍLVIA FERREIRA  
Universidad de Lisboa. Portugal

*A Alfonso Pleguezuelo*

O principal objectivo deste artigo centra-se no estudo dos antecedentes familiares e artísticos do arquitecto e escultor português Caetano Alberto da Costa, antes da sua ida para Sevilha. Filho do mestre entalhador António da Costa, Caetano da Costa aprende a sua arte e treina as suas aptidões na oficina de seu pai nos inícios do século XVIII, aprendizagem que lhe permitirá anos mais tarde, já em Sevilha, o pleno desenvolvimento e consolidação da sua arte.

Palavras-chave: retábulos, Lisboa, Barroco, século XVIII.

The main purpose of this article is to study the background of the Portuguese architect and sculptor Caetano Alberto da Costa, before departure to Seville. Himself a son of a woodcarver master, António da Costa, he learns his art and trains his skills in his father's workshop in the beginning of 18<sup>th</sup> century, which he will apply and develop years later in the city of Seville.

Key-words: altarpieces, Lisbon, Baroque, XVIII century.

### 1. INTRODUÇÃO

É nossa intenção abordar neste artigo o período que antecede a ida de Caetano Alberto da Costa para Sevilha, localidade onde contrai matrimónio, no dia 16 de Maio de 1729, com a jovem sevilhana Isabel de Amil<sup>1</sup>. Esse período, nomeadamente a sua adolescência e juventude, decorreu na segunda década do século XVIII na cidade de Lisboa. Aqui Caetano da Costa terá aprendido não só a trabalhar a madeira na tenda

---

<sup>1</sup> Casa na igreja de Santa Ana. Cf. Alfonso PLEGUEZUELO HERNÁNDEZ, *Caetano de Acosta (1709-1778)*, Sevilla, 2007, p. 32.

do seu pai, como também a pedra numa oficina lisboeta. Esta primeira fase da vida do grande mestre escultor do Rococó sevilhano reveste-se da maior importância para aferir da natureza e contornos das suas raízes artísticas. Sendo Caetano Alberto da Costa uma das figuras ímpares da história da arte sevilhana da segunda metade de Setecentos, pelo papel determinante que desempenhou na viragem e na posterior dinamização de uma certa forma de conceber a arte do seu tempo, importa-nos aqui destacar e tentar compreender de que forma os seus antecedentes, nomeadamente a sua formação artística, poderão ter determinado os contornos mais profundos da sua carreira em terras da Andaluzia.

## 2. ASCENDÊNCIA E BREVE BIOGRAFIA

O seu pai, António da Costa, era então um dos mais destacados mestres entalhadores com *loja* aberta em Lisboa na Rua da Barroca, sita na freguesia de Nossa Senhora da Encarnação. Nasceu em Lisboa, tendo sido baptizado na mesma freguesia, no dia 27 de Setembro de 1665<sup>2</sup>. Era filho de Domingos Gonçalves, cuja profissão se desconhece<sup>3</sup>. Quando António da Costa e o seu irmão João da Costa, dois anos mais velho<sup>4</sup>, atingem a adolescência e chega o momento de aprenderem o ofício, principia em Lisboa e em todo o país um ciclo de intensa renovação dos retábulos de madeira entalhada e dourada. Neste contexto, Domingos Gonçalves vê nesta profissão a oportunidade de sucesso profissional para os seus dois filhos, colocando-os a aprender o ofício de entalhador, o mais velho eventualmente, na oficina do mestre Domingos de Sampaio<sup>5</sup> e o mais novo, provavelmente, na oficina do mestre Manuel Machado<sup>6</sup>. António da Costa, já como oficial e com vinte e um anos, casa, em 1686, com Maria do Espírito Santo<sup>7</sup>,

2 Ver Apêndice . Documento n.º 1.

3 Um homónimo, mestre pedreiro em Évora, com actividade nos finais do século XVII e nos princípios do XVIII, é referenciado por Túlio Espanca (Cf. *Inventário Artístico de Portugal. XII Distrito de Beja*, Academia Nacional de Belas-Artes, Lisboa, 1992, I Vol., p. 403 e “Nova Miscelânea”, *A Cidade de Évora. Boletim de Cultura da Câmara Municipal*, n.º 67-68, 1984-1985, p. 113.

4 Baptizado a 18 de Fevereiro de 1663, cf. INSTITUTO DOS ARQUIVOS NACIONAIS TORRE DO TOMBO, *Registos paroquiais de Lisboa, baptismos, freguesia da Encarnação*, microfilme 1001, fl. 39 v.º. É de salientar a existência de uma irmã mais nova destes dois mestres, de nome Bernarda, nascida a 26 de Agosto de 1668 e também baptizada na mesma freguesia. Cf. IAN/TT, *Registos paroquiais de Lisboa, baptismos, freguesia da Encarnação*, microfilme 1001, (1660-1684), fl. 106.

5 Em 1685, quando este profissional foi preso por incumprimento do contrato notarial relativo à feitura do retábulo da capela do Rei Salvador do Mundo na igreja da Sé de Lisboa, foram dois jovens oficiais da sua oficina que assumiram essa tarefa, sendo um deles João da Costa, irmão mais velho de António da Costa (Cf. IAN/TT, *Cartório Notarial de Lisboa* n.º 15, *Livro de Notas 384*, fls. 48 v.º a 49 v.º).

6 De realçar o facto de este último profissional ter sido padrinho de dois dos sete filhos de António da Costa.

7 Ver Apêndice. Documento n.º 2

sendo seu padrinho o entalhador Brás Ribeiro, provavelmente seu colega de oficina<sup>8</sup>. Desconhece-se o momento em que António da Costa passa a assumir a sua própria oficina, o certo é que, em 1704, ajusta contrato notarial respeitante à feitura de um retábulo para a Irmandade de Santa Luzia, sita na então muito prestigiada igreja do Colégio de Santo Antão-o-Novo em Lisboa, da Companhia de Jesus. Nesta escritura surge como fiador o seu irmão mais velho, o já referido mestre entalhador João da Costa<sup>9</sup>. António da Costa manteve-se activo, pelo menos, até à idade de sessenta e nove anos. Nessa ocasião, em 1734, de parceria com o seu colega João Vicente, sendo *ambos mestres do ofício de entalhador (...)* e *ambos tendo servido várias vezes da mesma ocupação, foram chamados por ordem do Muito Reverendo Padre, o Sr. Valentim de Moraes, Reitor do Colégio de Santo Antão, da Companhia de Jesus para ver, medir e avaliar a obra de talha que fez o mestre José Gomes em a capela do Senhor São Francisco Xavier do dito Colégio*<sup>10</sup>.

Caetano Alberto da Costa é o sétimo dos oito filhos do mestre entalhador António da Costa e de sua mulher Maria do Espírito Santo, curiosamente todos nascidos em intervalos regulares de três em três anos<sup>11</sup>. Os quatro rapazes, que ficaram órfãos muito cedo com a morte da mãe no parto da última filha, aprenderam seguramente o ofício de entalhador na oficina do seu pai, desconhecendo-se contudo o percurso exacto de todos eles. Em 1720, quando Caetano da Costa, com onze anos de idade, inicia a aprendizagem, deveria haver na cidade de Lisboa, o maior centro produtivo nacional,

---

8 Brás Ribeiro tinha ligações com o referido mestre Manuel Machado, tendo sido testemunha dele na escritura do ajuste do retábulo da capela-mor da igreja do Convento do Carmo de Moura, cf. Ayres de CARVALHO, “Documentário Artístico do Primeiro Quartel de Setecentos Exarado nas Notas dos Tabeliães de Lisboa”, (Separata da Revista *Bracara Augusta*), Vol. XXVII – Fasc. 63 (75), 1973, p. 148.

9 Ver Apêndice Documental. Documento n.º 3.

10 Cf. IAN/TT, *Jesuitas*, Cx. 16, Maço 53, n.º 40. Publ. por Fausto Sanches MARTNS, *A Arquitectura dos Primeiros Colégios Jesuítas de Portugal (1542-1759): Cronologia, Artistas, Espaços*, Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994, vol. II, p. 857 (texto policopiado).

11 Vejamos por ordem cronológica o baptismo de cada um deles: 1694 – Francisca; 1697 – Catarina; 1700 – José; 1703 – António; 1706 – Inácio; 1709 – Caetano; 1713 – Maria, esta última baptizada em Fevereiro, pouco depois da morte da sua mãe. Cf. respectivamente, IAN/TT, *Registos paroquiais de Lisboa, baptismos, freguesia da Encarnação*, microfilme 1001 (1684-1703), fls. 116, 171 e 241, (1703-1720), fls. 4 v.º, 51, 105v.º e 173 v.º. Relevante é o facto do mestre escultor Manuel Machado aparecer como padrinho de dois dos filhos de António da Costa: Francisca e José.

cerca de quarenta oficinas de entalhe de madeira<sup>12</sup>, número bastante relevante<sup>13</sup>, mesmo tendo em conta que grande parte destes profissionais satisfiziam as necessidades das Províncias da Estremadura e do Alentejo.

### 3. AMBIENTE ARTÍSTICO DE LISBOA NO SEGUNDO QUARTEL DO SÉCULO XVIII

Atendendo a que o rei D. João V privilegiava em termos estéticos todas as novidades oriundas de Roma, assiste-se em Portugal alguns anos depois da sua posse, a uma mudança de gosto artístico pontuada não só por uma maior aproximação ao Barroco italiano, mas também pela preferência pela pedraria. Como testemunho desta realidade apontamos alguns dos grandes empreendimentos promovidos por este monarca: a basílica e palácio de Mafra, a igreja Patriarcal de Lisboa, a construção da nova capela-mor da Sé de Évora, a capela de São João Baptista destinada à igreja jesuíta da Casa Professa de São Roque em Lisboa, etc. Se o gosto italianizante se espraiava em projectos de arquitectura e decoração de interiores em tudo semelhantes aos que se observavam na cidade pontifícia, não é menos verdade que os mesmos se faziam acompanhar da vinda de artistas estrangeiros para Portugal, maioritariamente italianos, ou de formação italianizante, da encomenda massiva de obras de arte, entre as quais importa salientar a pintura, a ourivesaria, os têxteis, e as esculturas em pedra.

Na década de 1720 assistia-se em Lisboa à consolidação do Barroco Final<sup>14</sup>, cujas inovações no campo da talha tinham sido iniciadas há poucos anos. A ruptura parece ter ocorrido em 1714 com o arranque da construção do, ainda subsistente, retábulo da capela-mor da igreja matriz de Nossa Senhora da Pena em Lisboa. Esta obra

12 Até ao momento, já conseguimos identificar, para esta década, vinte e oito das eventuais quatro dezenas de oficinas de entalhadores sediadas em Lisboa. Sem pretendermos abordar detalhadamente a vida e a obra de cada um dos mestres, apontamos simplesmente a sua identidade, por ordem alfabética: António da Costa, António da Fonseca, Bento da Fonseca Azevedo, Bernardo Galter, Bernardo Machado, Claude Laprade, Domingos da Costa Silva, Domingos Pereira Lobo, Félix Adáucto da Cunha, Francisco de Barros Pinto, Jacinto da Silva, Jerónimo da Costa, João de Oliveira, João Vicente, José da Costa, José Freire, José de Matos Falcão, José Pessoa, José Rodrigues, José Rodrigues Ramalho, Luís de Barros Pereira, Manuel de Brito, Manuel da Costa, Manuel Duarte, Manuel Nunes da Silva, Miguel Rodrigues e Santos Pacheco de Lima.

13 A título comparativo refira-se que na região algarvia, um centro produtivo de pequena dimensão, regista-se, na mesma época, a presença simultânea de quinze oficinas de entalhe de madeira, cf. Francisco LAMEIRA, “O Retábulo no Algarve”, *Promontoria Monográfica História da Arte 03*, Faro, 2007, p. 31.

14 Francisco LAMEIRA, “O Retábulo em Portugal. Das origens ao declínio”, *Promontoria Monográfica História da Arte 01*, Faro, 1985, pp. 99 a 103 e Francisco LAMEIRA e Vitor SERRÃO, “O Retábulo em Portugal: o Barroco Final (1713-1746)”, *Promontoria. Revista do Departamento de História, Arqueologia e Património da Universidade do Algarve*, n.º 3, 2005, pp. 287 a 315. Na nomenclatura ainda seguida pela maioria dos estudiosos, este período é conhecido por Barroco Joanino, designação adoptada pelo americano Robert C. Smith na sua obra de referência *A Talha em Portugal*.

foi assumida inicialmente pelo mestre entalhador Estevão da Silva, colaborando nela vários profissionais, incluindo o escultor provençal Claude Laprade, nomeadamente na execução dos atlantes do banco<sup>15</sup>. Convém anotar que este último tivera uma formação inicial na escultura em pedra, tendo-se posteriormente afirmado como insigne entalhador e escultor de madeira. Nos anos seguintes estas inovações chegavam a outras localidades portuguesas, a saber, em 1716 ao Porto<sup>16</sup> e em 1718 a Évora<sup>17</sup> e a Beja<sup>18</sup>. Estas mudanças verificavam-se sobretudo na composição dos áticos, que deixavam de utilizar como solução mais usual uma forma fechada e exclusivamente portuguesa, composta por arquivoltas e arcos salomónicos concêntricos, para passar a usar esquemas compositivos mais próximos da estética italiana, largamente difundida pelos dois volumes do tratado do padre jesuíta Andrea Pozzo, *Perspectiva Pictorum et Architectorum*<sup>19</sup>. As colunas usadas nestes retábulos<sup>20</sup> diferenciavam-se das da fase anterior somente pelo facto de usarem um vocabulário ornamental distinto, passando a surgir no fuste elementos vegetalistas e flores diversas, em vez dos tradicionais cachos de uvas, parras, fênix e meninos. No entanto, o uso das colunas mais próximas dos modelos pozzescos só foram utilizados alguns anos depois, remontando os primeiros exemplares a 1727, simultaneamente em Lisboa: no retábulo da capela-mor da igreja do convento dos Eremitas de São Paulo; no Porto: no retábulo da capela-mor da igreja da sé e em Évora: no retábulo da capela da Ordem Terceira de São Francisco, tendo em todos os casos sido concebidos e/ou executados por profissionais lisboetas. A este propósito, o já citado Claude Laprade, comentando o *rascunho* por si executado para o retábulo da capela-mor da sé do Porto, refere que *a forma das colunas do meio é moderna, mas mais moderna a retorcida*<sup>21</sup>.

Simultaneamente surge um novo vocabulário ornamental, contagiado pela estética francesa, nomeadamente pela Regência, cujo exemplar pioneiro pode ter sido o trono

---

15 Cf. Entre outros autores, P.e Carlos GUIMARÃES, *Tribuna da Capela Mor da Igreja da Pena (Documentos para a sua história)*, Lisboa, Ed. Documenta. Igreja da Pena, 1968, pp. 31, 34, 43, 44, 46, 47, 48 e 49.

16 Referimo-nos à planta enviada por Santos Pacheco relativa ao acrescentamento da tribuna da igreja do Convento de Nossa Senhora do Carmo do Porto, Cf. Domingos de Pinho BRANDÃO, *Obra de Talha Dourada, Ensamblagem e Pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. III – 1700 a 1725*, vol. II, Porto, Diocese do Porto, 1985, p. 464 e segs.

17 Ajuste do retábulo da capela-mor da igreja do antigo Convento de Santa Clara de Évora (Informação inédita cedida pelo Director do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, o Prof. Doutor Vítor Serrão).

18 Referimo-nos ao retábulo, ainda subsistente, de São João Evangelista da igreja do antigo Convento de Nossa Senhora da Conceição de Beja, cf. Francisco LAMEIRA e Vitor SERRÃO, “O Retábulo em Portugal: o Barroco Final (1713-1746)” (...), p. 287.

19 Editados em Roma em 1693 e 1700.

20 Como exemplos relevantes apontamos os retábulos-mores da igreja de Santa Catarina ou dos Paulistas, em Lisboa e da sé da cidade do Porto.

21 Domingos de Pinho BRANDÃO, *Obra de Talha Dourada, Ensamblagem e Pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. III - 1726 a 175*, (...), p. 35.

do retábulo da capela-mor da igreja matriz de Nossa Senhora da Pena<sup>22</sup>, assumido em 1724 pelo mestre entalhador Santos Pacheco de Lima<sup>23</sup>.

#### 4. A IDA PARA SEVILHA: SUAS POSSÍVEIS MOTIVAÇÕES

Após a aprendizagem dos ofícios de entalhador e de escultor de pedraria, Caetano Alberto da Costa tem dificuldades em se afirmar como mestre na cidade de Lisboa. Em relação à pedraria a Corte prefere, como já referimos, a mão-de-obra italiana ou de formação italianizante. No respeitante à arte da talha começam a surgir os primeiros sinais de crise neste ofício, iniciando-se um ciclo de recessão que se prolongará até ao terramoto de 1755. A título de exemplo refira-se a situação de precariedade de trabalho ocorrida em 1729 com um dos mais prestigiados mestres entalhadores com *loja* aberta na cidade de Lisboa, o já antes citado Claude Laprade. É então referido por um dos seus clientes: *Achei-o em má conjuntura (...) as inquietações das obras de Mafra também chegam ao Laprade e ao seu oficial, precisando-os a que vão para lá, mas dizem eles que não será a dilação muita porque para o seu ofício pouco há lá que fazer*<sup>24</sup>. O pique desta crise, que atinge a cidade de Lisboa, ocorre alguns anos depois, de tal modo que *no ano de 1736, se achava o ofício (de entalhador) tão debilitado de obras e cheio de oficiais e aprendizes, fizeram os suplicantes (os oficiais do ofício de entalhador) um requerimento a este supremo Senado (da Câmara de Lisboa) para que nenhum mestre do dito ofício pudesse tomar mais de um aprendiz e este estando a finalizar o seu tempo pudesse o dito mestre tomar outro*<sup>25</sup>.

Nesta situação de falta de trabalho em Lisboa, era natural que o influente mestre António da Costa tivesse arranjado uma outra solução para o seu filho mais novo, Caetano Alberto da Costa, à semelhança do que ocorreu com outros mestres entalhadores<sup>26</sup>.

22 Cf. Marie Thérèse MANDROUX-FRANÇA, “L’image ornementale et la littérature artistique importées du XVI au XVIII siècle: un patrimoine méconnu des bibliothèques et musées portugais”, *Boletim Cultural*, Porto, 1983, 2.ª série, I vol., p. 159.

23 Francisco LAMEIRA e Vítor SERRÃO, “O Retábulo em Portugal: o Barroco Final (1713-1746)”, (...), p. 304.

24 Domingos de Pinho BRANDÃO, *Obra de Talha Dourada, Ensamblagem e Pintura na cidade e na diocese do Porto. Documentação. III - 1726 a 175*, (...), pp. 119 e 120.

25 Cf. “Livro 2.º do Acrescentamento dos Regimentos”, transcrito por Franz-Paul LANGHANS, *A Corporação dos Ofícios Mecânicos*, Lisboa, 1943, p. 316.

26 De referir que o já citado mestre João Vicente, colega de António da Costa (tendo ambos exercido várias vezes a importante função de Juiz do ofício de entalhador), também arranhou uma saída profissional para o seu filho José de Almeida. Este último, apesar de ter feito a aprendizagem de entalhador e escultor de madeira na oficina de seu pai, aos dezoito anos foi para Roma aprender a escultura em materiais pétreos. Aí inscreveu-se na Academia de Portugal, tendo sido discípulo de Carlos Monaldi. Intervém então num concurso da classe de escultura da Academia de S. Lucas, no qual alcança um segundo lugar. De resto, José de Almeida terá sido dos poucos portugueses a participar nos concursos promovidos pela Academia romana, privilégio que certamente só a excelência da sua arte lhe proporcionou. De volta a Portugal, José de Almeida trabalha em escultura pétreo e posteriormente dedicar-se-á à escultura em madeira, essencialmente de carácter sacro, seguindo

A oportunidade deve ter surgido a partir dos primeiros dias de Janeiro de 1728, quando foi ajustado o duplo enlace matrimonial dos infantes de Portugal e Espanha<sup>27</sup>. Na preparação dos arranjos para as cerimónias da deslocação à fronteira do Caia de ambas as comitivas régias, evento a realizar em 19 de Janeiro de 1729, foi necessário uma estreita colaboração entre artistas de ambos os países, sendo esse o eventual momento de enviar o dotado rapaz para um outro centro produtivo mais promissor – a Andaluzia.

## APÊNDICE DOCUMENTAL

### **Doc. 1 – Termo de baptismo de António da Costa**

*IAN/TT Registos paroquiais, baptismos, freguesia da Encarnação, microfilme n.º 1001 (1660-1684), fl. 69 v.º*

“Aos uinte e sete dias do mes de Setembro de seiscentos sesenta e sinco Eu o Padre Roque Leite da Costa coadiutor nesta igreja de Nossa Senhora do Loreto baptizei a Antonio filho de Domingos Gonsalvez e de sua molher Maria dos Santos padrinho Antonio Pereira de Abreu madrinha D. Thereza Arrais de Mendonsa

Roque Leite da Costa”

### **Doc. 2 – Termo de casamento de António da Costa**

*IAN/TT, Registos paroquiais, casamentos, freguesia da Encarnação, microfilme 1006 (1684-1694), fl. 34*

“Aos tres de Junho de mil seiscentos e oitenta e seis na Igreja de Nossa Senhora do Alecrim de Lisboa com banhos correntes estando eu cura da ditta freguesia Bras Ribeiro presente e por testemunhas Bras Ribeiro entalhador morador na Traessa da Espera e Antonio João carpinteiro da Ribeira das Naos, morador na Rua da Barroca e Jozeph de Oliueira carpinteiro morador na Rua da Attalaia se cazarão por palaura de presente Antonio da Costa filho de Domingos Gonçalvez e de Maria dos Santos Baptizado nesta freguesia e morador na Rua da Barroca e Maria do Espírito Santo filha de Sebastião Ferreira e de Brizida Francisca Baptizada e moradora nesta freguesia na Rua da Attalaia e por uerdade fiz este assento que assinej com as testemunhas o Cura Bras Ribeiro

Joseph de Oliueira  
Antonio João  
Bras Ribeiro”

---

uma vez mais as regras de um mercado que se mostrava conservador em termos de gosto e pouco perdulário nas suas encomendas de obras de arte.

27 Alfonso Pleguezuelo Hernández, *op. cit.*, pp. 32 a 33.

**Doc. 3 –Ajuste notarial entre António da Costa e a Irmandade de Santa Luzia da igreja do Colégio de Santo Antão-o-Novo de Lisboa, a fim de executar um retábulo**

*IAN/TT, Cartório Notarial de Lisboa, n.º 15, Cx. 83, L.º 447, fls. 27 v.º-28 v.º.*

“ Saibão quantos este instrumento de obrigaçam virem que no anno do Nasimento de noso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e quatro em vinte dias do mes de Abril na cidade de Lisboa dentro no Colégio de Santo Antão dos Padres da Companhia de Jesus e ahj em huma casa que está deputado para o governo e couzas tocantes a irmandade de Santa Luzia cita na dita Igreja estauão presentes partes da huma o muito Reverendo Padre Luis Gonzaga da mesma Companhia e protector da dita irmandade Felix Carlos de Souza secretario João Luis e Manoel Jorge procuradores e os mais irmãos da mesa que este presente anno seruem juntos todos nella segundo seu saudavel uzo e da outra Antonio da Costa mestre do officio de entalhador morador ao Bairro Alto na Rua da Barrocha. Por elles partes foi dito perante my tabaliam e testemunhas ao diante nomeadas que estão ajustados sobre a faicão (sic) da obra do retabolo da capella da dita Santa para elle mestre auer de fazer em preço toda de duzentos e trinta e sinco mil reis tudo debaxo das clauzullas e condicões seguintes a saber que elle mestre sera obrigado a fazer a dita obra de madeira toda de bordo muito excelente e da millhor que possa auer assim per sy como por officiaes de boa conta laurando o retabolo de bons releuos e com tudo o que for necessario de sorte que fique muito perfeita e com toda a segurança e perfeição que a arte der lugar muito a satisfação da dita irmandade a qual a mandará ver todas as vezes que lhe parecer por pessoas que entendão da dita obra para se ver se vaj feita na forma referida e tendo qualquer imprefeição ou erro tudo elle mestre emmendara outra ves a sua custa sem que a meza lhe de mais couza alguma do que o preço em que se tem ajustado /fl. 28/ e tambem a dará asentada e acabada de todo ate o mes de Outubro que vem neste presente anno, e sendo que as obrigaçõens e condicoens referidas em parte ou em todo, a dita irmandade se quizer poderá lansar maos da dita obra mandando a fazer por outrem ou emmenda la no cazo que tenha erro e todo o custo que se fizer ou prejuizo que ouuer se auerá delle mestre de seos bens sem falta alguma e alem diso pagará de pena para os gastos da dita irmandade cem mil reis por huma so ves e nesta conformidade se obriga a fazer a dita obra pondo para ella todo o gasto que for necessario ate que fique asentada e acabada com toda a perfeição como fica dito<sup>28</sup> sem que a irmandade lhe de mais couza alguma que os ditos duzentos e trinta e sinco mil reis por conta dos quaes logo ahj perante mj tabaliam e ditas testemunhas lhe derão e entregarão cem mil reis em dinheiro de contado corrente neste Reino que eu tabaliam dou fee e elle mestre contou e recebeo e dise estauão sertos sem falta alguma dos quaes lhe da quitacam para lhos não poder

28 Ms. Entrelinhado: “e na forma do rescunho que se fes que esta asinado por elles”.



repetir e os sento e trinta<sup>29</sup> mil reis restantes se obrigão elles irmãos a pagar a saber a metade delles pello ultimo de Julho e a outra ametade tanto que estiuer asentada a dita obra; tudo sem falta alguma em cazo que lhe faltem ao pagamento dando elle comprimento a sua obrigacam poderá parar com a dita obra e auer da dita irmandade tudo o que lhe estiuer a deuer debaxo das clauzullas desta escriptura na forma da qual se dão elles partes por ajustados e cada hum pella sua parte promete cumprir e guardar e não reuogar por modo algum que seia e no cazo que algum delles o faça com algum genero de embargos não poderá ser ouuido em juizo ou fora delle sem primeiro e com effeito depozitar o que lhe for obrigado tudo o que constar deuer no que respeitar a sua obrigaçam em dinheiro de contado em poder de quem for acreedor ou no de quem a sua aucão tiuer para o que o há por abonado e para se escuzar de fazer o tal depozito senão vallerá de prouisão Real porquanto desde logo a renuncia e esta caluzulla escreuj eu tabaliam de pedimento e consentimento delles partes que querem se cumpra e guarde na forma da lej de que os aduertj e a ella me refiro E para nesta conformidade asim o comprirem e guardarem com mais a perda e damno que resultar custas e despesas que se fizerem diserão que obrigauão e com effeito obrigarão os dittos irmãos os bens e rendas da dita irmandade e elle Antonio da Costa sua pessoa e todos seos bens presentes e futuros e o melhor parado delles. E estando outrosj presente João da Costa morador a Rua da Fee por elle foi dito perante mj tabaliam e ditas testemunhas que de sua liure vontade fica por fiador e principal pagador do dito mestre Antonio da Costa a fim de que faça a dita obra na forma que se declara nesta escriptura e se conthem no dito rescunho para que não se posa seguir perda ou damno algum a dita irmandade porque tudo lhe comporá como diuida sua propria que toma e remoue sobre sj como fiador e principal pagador e fiel depozitario de juizo a cujas leis se sobmete e sugeita e clauzullas desta escriptura que tem ouuido e entendido para que com elle<sup>30</sup> lugar seu real effeito do mesmo modo que a hão de ter com o dito obrigado na sentenca que se alcançar contra qualquer delles se poderá executar<sup>31</sup> em cada hum insolidum e mudar a dita execuçam todas /fl. 28 v.º/ as vezes que lhe parecer ate com effeito ser paga a dita irmandade de tudo o que lhe deuer. E para asim o cumprir obriga sua pesoa e bens e o melhor parado delles E outorgarão que pello aqui conteudo responderão nesta dita cidade e onde perante as justicas a que este instrumento por presentado para o que renunciarão juis de seu foro domicilio e mais preuilegios que seião a seu fauor. E em testemunho de uerdade asim o outorgarão pedirão e aseitarão e eu tabaliam por quem tocar auzente testemunhas que foram presentes Domingos Ferreira andador da dita irmandade e João Dias sapateiro morador a Rua Larga das Olarias que diserão ser elles partes os proprios que na nota asinarão e testemunhas Jozeph Caetano do Valle tabaliam o escreuj= entrelinhej e na forma dos rescunhos que se fes que esta asinado

---

29 Ms. Entrelinhado: “e sinco”.

30 Ms. Rasgado.

31 Ms. Rasgado.

por elles. E dixerão que foi mais testemunha Simão da Silua pedreiro morador a Rua de Martim Vas que tambem conhece a elle mestre entalhador; testemunhas dito o escreuj= entrelinhej e sinco, em duas partes. Concertej= e trinta

Padre Luis Gonzaga	Felix Carlos Sousa	
Antonio da Costa	João da Costa	Simão da Silua
Antonio Carvalho de Tavora	Joseph Rodrigues	Joam Dias
Manoel Jorge	João Luis	
De Asenço Migueys	De Domingos Ferreira”	+